



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



LEÃO  TOLSTOI



Tradução
e
Desenhos
de

Jose Hacio



M tempos remotos vivia um bravo homem que era rico. Tinha muitos servos que o louvavam e que diziam:

— Não há na terra amo algum como o nosso. Nutre-nos excelentemente, veste-nos bem, distribue-nos trabalho à medida das nossas forças, não nos humilha com rudes palavras. Não é como outros amos que tratam os servos como se fossem gado, e, mais ainda, desejam-nos bem, fazem-nos o bem, dirigem-nos boas palavras. Não arranjaríamos melhor.

Era assim que eles o elogiavam. O diabo suspeitou do viver de estes servos com o amo e apoderando-se de um deles que se chamava Aleb, pediu-lhe para subornar os seus camaradas. Um dia, quando estes faziam o panegirico do seu amo, Aleb, elevou a voz e disse:

— Não tendes motivo irmãos, para cantar a bondade de nosso amo, servimo-lo fielmente e testemunhamos-lhe o nosso reconhecimento. Como éle nos deseja bem, nós lho desejamos também, e nós lhe adivinhamos os seus desejos. Como não reinar a boa inteligência entre ele e nós? Que o seja de outra forma, que nós cessamos de lhe ser reconhecidos; se o servirmos mal, fará como os outros; pagar-nos-há mal por mal, e fará pior que os outros!

Os outros servos discutiram acerca disto com Aleb, e fizeram uma aposta com éle. Aleb se encarregaria de atormentar seu bom amo, e éle ali assen-

riam, em seu proveito, seus fatos. A aposta foi concluída nestes termos. Demais os outros comprometeram-se a protegê-lo contra o amo.

Aleb promete começar na manhã seguinte, a atormentar o amo. Aleb fôra estabelecido como pastor; vigiava especialmente os carneiros de grande preço. No dia seguinte, o amo foi ao curral com estrangeiros, e mostrou-lhes os magníficos carneiros que possuía em grande quantidade.

O servo do diabo fez um sinal a seus camaradas, como para lhes dizer: «Isto vai bem, vou começar a indispor o amo». Todos os servos se tinham reunido e olhavam por cima do recinto. O diabo subiu a uma árvore, de sôbre a qual podia vêr, à vontade, todo o recinto, e julgar de que maneira seu servo o serviria.

O amo entrou no curral, mostrou a seus hóspedes as ovelhas e os carneiros e quiz mostrar-lhes também seus carneiros favoritos.

— Não são menos belos, diz-lhes. Um deles tem as hastes enroladas e não o darei por preço algum. E-me mais caro que meus olhos.

Os animais assustados pela presença de vários homens, fugiram, de forma que os hóspedes não puderam contemplar o famoso carneiro de que éle falara. No mesmo momento, o servo do diabo, vendo o carneiro separado do resto do rebanho, dá-lhe caça, força a



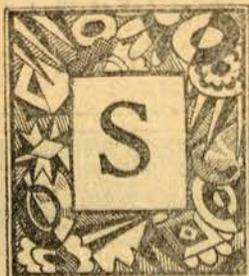
tou na condição que perderia seu fato domingueiro, se não fosse bem sucedido a ponto de indispor o amo, mas que, se, o fôsse, os outros perde-

(Conclue na página 7)

RECONCILIAÇÃO

Por MARIA ALDA

Desenhos de CASTAÑE



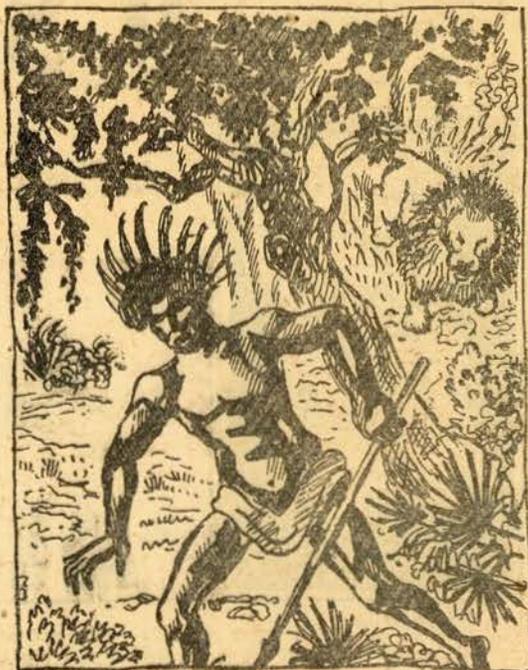
UMAIL é um pretinho de 16 anos, generoso e bom. O pai, velho Régulo de importantes territórios, contando por muitos milhares o número dos seus vassallos, era cruel e injusto, o que levou o pequeno Sumail a fugir-lhe, preferindo levar uma vi-

da aventureira, cheia de privações, talvez de miséria, a ter que presenciar, quasi diariamente, as más acções do Régulo, seu pai.

Assim, construiu, por suas próprias mãos no meio das selvas, uma tósca palhotinha onde pernoita, passando os dias caçando e procurando as frutas silvestres, base principal da sua alimentação.

A' hora do meio dia em que o calor é mais intenso, procura a sombra protectora dalguma floresta, e por lá se fica horas esquecidas, pensando na enormidade do seu infortúnio.

Tão habituado estava já aos perigos, que coisa



mail dormitando à sombra dum imbondeiro, sendo despertado pelo rugido dum leão. Sobressaltado, pôs-se em pé, agarrando no seu arco e flechas, única arma que possuía e de que se servia com mestria. Ele, tão acostumado ao rugido das feras, sentiu nesse dia uma impressão muito grande e muito desagradável ao ouvir o leão. Ouviu-se outro rugido seguido de gritos aflitivos, soltados por alguém que, certamente, estava sendo perseguido pela fera.

De súbito Sumail, num grito de aflicção, exclama: — «Meu pai!» e corre vertiginosamente na direcção donde partiam os gritos.

De facto, a uma distancia relativamente pequena, um homem fugia às investidas dum leão, cortando-lhe as voltas, servindo-se para isso dos troncos das árvores; mas, já exausto, breve seria vítima da fera.

Sumail chama para si a atenção do leão é, gritando, aponta-lhe a flecha, que, num golpe certo, o atinge em pleno coração. A fera, atroando o espaço com um enorme rugido, cai mortalmente ferida.

Dá-se, então, a mais inesperada e comovente scena.

O velho Régulo, como que pregado ao solo, não se atreve a dar um passo, mas olha o filho com desvanecimento. De repente irrompe em so-

alguma o perturbava ou assustava; o atroador rugido do leão como o arrepiante úivo da hiena, eram-lhe familiares.

No dia em que decorrem os acontecimentos mais importantes desta história, encontrava-se Su-

luços, e, num salto, cai nos braços do filho, exclamando:

— Sumail, salvaste-me a vida e impediste que eu praticasse mais um crime! Eu to agradeço. Sabes o que vinha fazer à floresta?!

— Não sei, meu pai, nem preciso saber, e não mereço os seus agradecimentos! Sinto-me feliz, por lhe ter prestado este pequeno serviço! Agora, meu pai, adeus, e que o Senhor o acompanhe!...

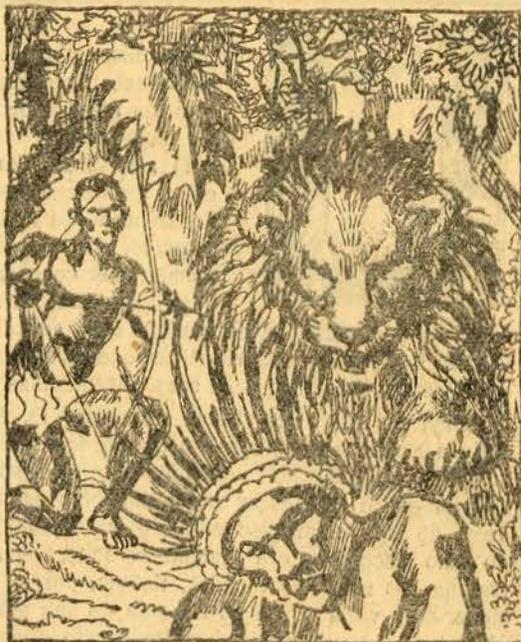
— Não, Sumail, não te vás embora, escuta:

Eu vinha preparar uma nova maldade!

Mussa, o escravo, roubou-me uns cajús; decidi, portanto, a pena de morte, enforcando-o. Procurava para esse efeito uma árvore adequada, quando o leão me apareceu.

— Que severidade, meu pai, para punir um tão pequeno delito!!!

— Tens razão, Sumail. Mas, de hoje para o futuro, serás tu quem exercerá a justiça no régulo, porque eu abduco a teu favor.



E Sumail é hoje o Régulo querido e respeitado por todos e em todos aqueles vastos territórios.

O CASTIGO DUM INTRUJÃO

POR J. TOMÁS DE SOUSA

NUMA pequena cidade indiana, vivia um pobre homem, que ganhava a vida acarretando vasilhas de água, das fontes para as casas dos seus fregueses, a troco de mísero salário.

Um destes fregueses, comer-

ciante rico e avarento, resolveu especular à custa do desgraçado água-deiro.

Chamou-o, e encomendou-lhe uns tantos barris de água.

Abdul-Omar — (assim se chamava o água-deiro) — começou a

sua tarefa, acarretando para casa do comerciante, os barris de água pedidos, indo-os despejar num grande tanque à vista d'ele.

Quando chegou ao décimo quinto barril, (eram quinze os barris pedidos por ele) parou o seu trabalho e pediu o seu sôlido.

— Já acabaste?! perguntou-lhe o avarento, fingindo-se admirado.

— Já, senhor. Já trouxe os quinze barris que vós me pedistes.

— Quinze?! Isso é mentira! Tu ainda me trouxeste só treze! E se quizeres levar o sôlido, traze-me os dois que faltam. Quando não, não levas nada!

O pobre homem resignou-se, mas, no entanto, ia pensando no modo de vingar-se do miserável comerciante.

Quando acabou a tarefa, foi ter com um colega, seu amigo, e combinou com ele o meio de se vingar do comerciante.

Esconderam-se numa rua onde sabiam que ele passava, e, quando ele apareceu, agarraram-no e deram-lhe uma formidável sova.

Este, mal se tendo nas pernas, dirigiu-se para sua casa, prometendo a si mesmo nunca mais intrujar ninguém...

ADIVINHA por MORENITA



A Lili e a Né-né foram passear mas imaginem que perderam a boneca.

Onde cairia?

Vejam se a descobrem.





mamã abelha andava há dias seriamente preocupada com um assunto de máxima importância.

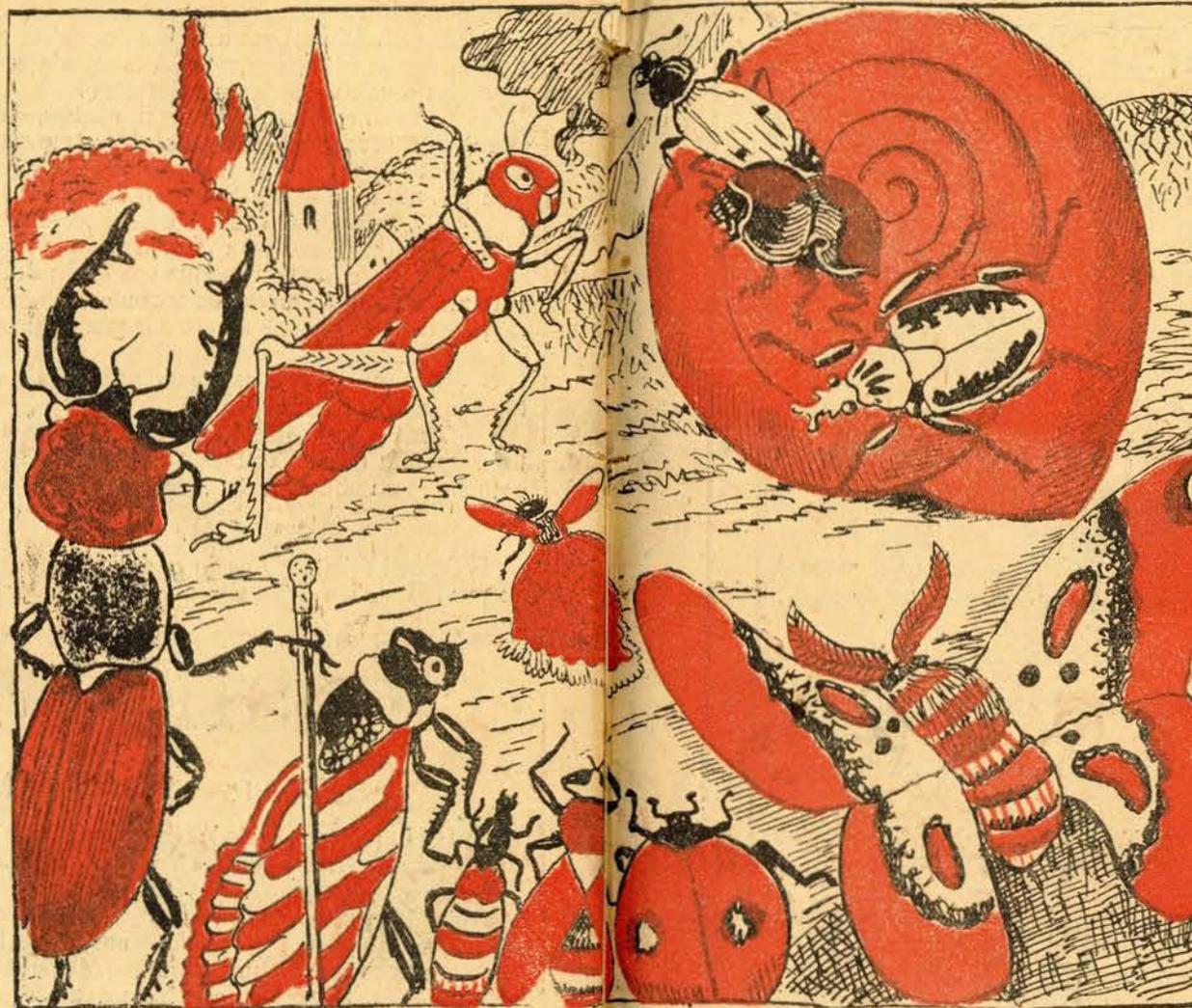
la realizar-se um concurso de beleza entre as donzelinhas do reino dos insectos. As respeitáveis mamãs das concorrentes, bem como elas, (já se vê)

andavam num corropio, de modista em modista, idealizando «toilettes» extraordinárias, que fizessem realçar os encantos naturais de suas estremecidas filhas.

Uma das mais atarefadas era a Sr.^a D. Abelha; e tinha razão esta senhora em querer fazer brilhar a sua filha, pois não havia em todo o reino rosto mais sedutor que o da menina Abelhinha. Não era só vaidade de mãe, é preciso notar, pois a opinião geral do sexo masculino, era igualmente favorável á linda menina. Os seus apaixonados, tinham, porém, de resignar-se a vê-la de longe, à janela, no seu paláciozinho, (que era um cortiço muito bonito e moderno) pois a beldade nunca saía. Este seu procedimento mais concorria para o interesse que despertava e, a-pesar-de se inventarem mil hipóteses sobre a sua clausura, ninguém havia acertado com a verdadeira causa. A única visita da casa era Mestre Zangão, seu professor de línguas, que, a-pesar-de muito falador, sabia guardar avaramente o segredo. Calcule-se, pois, com que ancdiedade era esperado o concurso pelos admiradores da menina Abelhinha. Todos lhe atribuíam o prémio e o próprio júri quasi julgava dispensável o exame.

Era, pois, como vêem, naturalíssima a preocupação da mãe.

Foram chamadas as mais belas modistas e legiões de aranhas expunham perante os olhos insatisfeitos da menina, teias delicadíssimas. Ela, que era tão modesta, já se fazia exigente e, toda requebrada estendia, desdenhosamente, o beicinho perante tantas maravilhas.



guma ás outras meninas que se mostravam sorridentes para ela.

Em voz sonora, o Sr. Gafanhoto anunciou a primeira concorrente...

Menina Mosca, passou muito vaporosa em suas asinhas frizadas. Houve palmas e murmúrios de aprovação.

Seguiu-se a Menina Borboleta, gentilíssima na sua túnica de côres berrantes.

E mais belezas passaram pelos olhos de todos.

O ar estava impregnado de perfumes que as flores, para abrihantarem a festa, deixavam escapar das suas corolas.

Sobre o estrado, onde desfilaram as beldades, os raios de Sol, mais brilhantes, acariciavam tudo com a sua luz doirada.

Chegou a vez de Abelhinha. Ansiedade geral. O perfume das flôres tornou-se mais intenso, os raios do sol beijavam-lhe a fronte pura e envolviam-na numa onda de luz. Ela, deslumbrante, dominadora, fazendo incidir sobre as outras concorrentes o seu olhar de desprezo e dô, avançava lentamente, gozando deliciada tão retumbante triunfo.

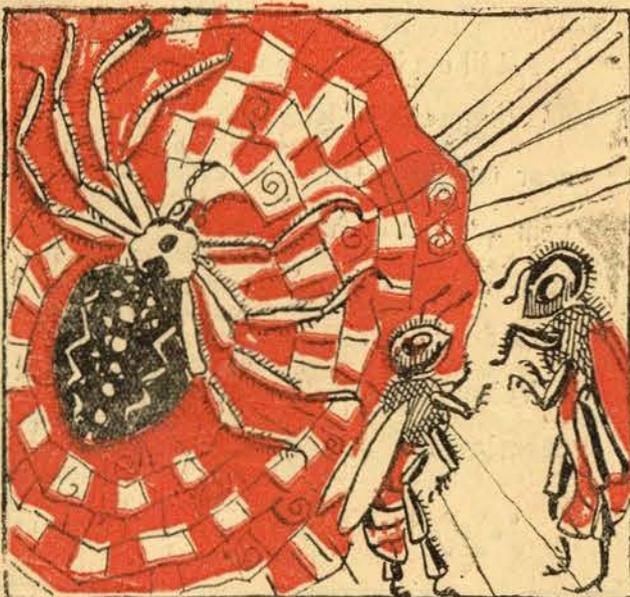
Era, na realidade, para admirar tanta perfeição. O vestido, ao contrário dos das outras meninas, arrastava pelo chão a sua cauda, dando-lhe um aspecto de verdadeira rainha.

De todos os espectadores os mais entusiasmados eram os raios do sol. E tanto se chegaram a ela, tanto a abraçaram, que o seu calor lhe foi prejudicial.

Aos aplausos de entusiasmo sucederam gritos de espanto. Em menos dum segundo, a linda «toilette» de cera derreteu-se e, perante a admiração geral, apareceu Abelhinha nua, exibindo umas perninhas tão cambaias que lhe davam um aspecto bem ridículo. Foi um nunca acabar de apupos e gargalhadas trocistas. E a vaidosa Abelha, muito envergonhada, fugiu para nunca mais ser vista.

A VADADE

FIM



POR MARI AMERICA

DESENHOS DE A. CASTANÉ

Chegou, porém, uma célebre aranha de um país estranho que a decidiu na escolha. Uma teia de tecidos tão caprichosos, tão divinamente armada, que ela não pôde resistir. Estava plenamente satisfeita mas, ó decepção!... Sua mãe, ao remirá-la pela centésima vez notou, com espanto, através da finíssima renda, as perninhas tortas de sua filha e que tanto a desfejavam. (Aqui para nós, era esta a razão porque a menina Abelhinha nunca saía de casa). Ficaram desoladas, mas o amor de mãe pode muito e, depois, era vergonhoso renunciarem ao concurso, dando pasto ás línguas invejosas.

Pensaram muito; a menina nem dormia; era uma preocupação constante. Até que um dia Abelhinha teve uma idéa luminosa. Pediu a sua avôzinha que lhe fizesse um lindo vestido de cera. A avó, que a adorava, pôs-se logo ao trabalho e conseguiu satisfazer-lhe o desejo. E assim na manhã do grande dia, já Abelhinha cuidava da sua original «toilette». Estava convencidíssima de que ganharia o prémio. Toda se desvanecia, mirando-se ao espelho (uma reluzente asa de escaravelho) e foi com modos de soberana que subiu para o gracioso côche que lhe tinha posto à disposição um lindo caracol dourado.

E lá partiu, toda palpitante, felicíssima, arquitetando belos sonhos de futuro.

No local da exibição encontravam-se muitos espectadores e o júri já se havia instalado numa enorme concha de caracol.

Abelhinha, foi uma das últimas a chegar; ia tão senhora do seu papel que não ligou importância al-



CARTA HIEROGLÍFICA

$$3 \times 5 = 15$$

1x1 di CA Q Fi C 3



-l EEE ta UUU



- / 0-0 A ex -ano + ou

TU - / 000 &

DI los rver NA

durante 5' -R 1 -I

K -ate A ra A

UUU mas AU -A

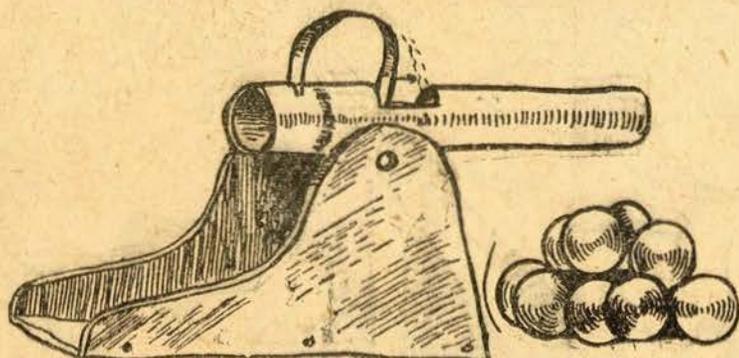
tou A Q EE tavam de +
 moeda elpanhua

XA -ivo A ADA Q ee plicou

K da m 3 A er em 5'

-co II so DI xei 15'!...
 parado branco

HORA DE RECREIO



UM CANHÃO

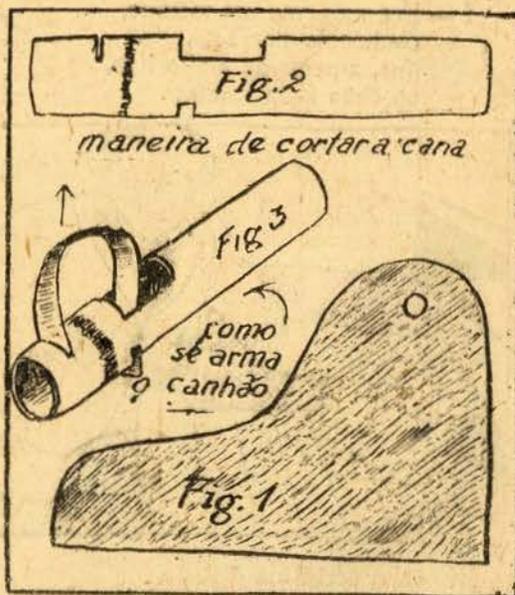
Recortem em madeira, duas peças como está indicado na fig. 1.

Da mesma madeira, façam uma tabuinha, que as una por baixo.

A NEDOTA

COITADINHA...

Um homem tinha uma galinha de boa raça que todos os dias punha um ovo. Começou a dar-lhe muito mais alimento e a galinha, para o compensar, passou a pôr dois ovos por dia, um de manhã e outro à noite. Satisfeitíssimo com o facto continuou a dar-lhe cada vez mais comida, até que um dia reparou que estavam 3.000 ovos no cesto e a galinha morta. Sobre os ovos via-se um cartãozinho escrito pela galinha em que ela dizia estas simples palavras: «Não posso mais»...



O SERVO DO DIABO

(CONTINUADO DA PAGINA 1)

juntar-se ao resto dos animais, e desta maneira, soube confundi-lo com os outros, tão bem que os hóspedes do amo não puderam ver o famoso carneiro. Então o amo disse a Aleb:

— Aleb, meu caro amigo, vê se me apanhas esse carneiro que tem as hastes enroladas e condu-lo para aqui.

Quando o amo acabou, Aleb lançou-se, como um leão, no meio do rebanho, agarrou o belo carneiro pelo vélo, segurou-lhe na mão esquerda, agarrou-o, então, pela outra pata, e trocou-a tão fortemente que se ouviu um surdo gemido. O animal tinha a pata partida.

Os hóspedes soltaram uma exclamação, assim como os servos. O diabo

admiração risonho a audácia com que se conduzia o seu servo.

A face do amo ensombrou-se, e caiu para diante; não viu nada. Os hóspedes, como os servos, emudeceram; esperavam. O amo, guardou o silêncio um instante ainda... De súbito, como se largasse um fardo, levantou vivamente a cabeça e olhou o céu. As rugas de sua face apagaram-se; voltou-se para Aleb, sorrindo com doçura, e disse:

— Aleb, Aleb! o que é agora teu amo pediu-te para me fazeres encolerizar; mas meu amo é mais possante que o teu e sou eu que farei sofrer o que te manda. Sabe pois, Aleb, que

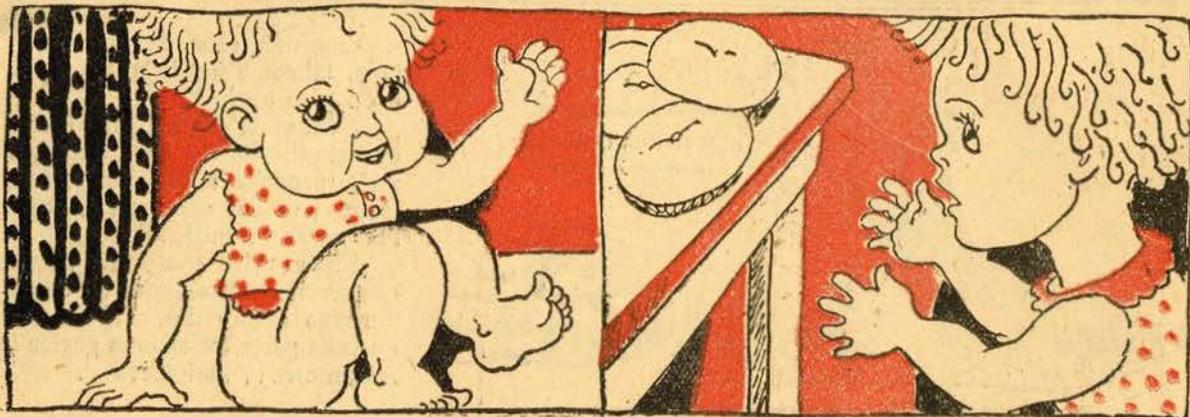
não tens alguma punição a atender para a falta que cometeste. Desejavas a liberdade, eu ta dou, desde já, diante destes estrangeiros; vai em paz!

E o bom amo entrou em sua casa, acompanhado de seus hóspedes.

O diabo, vendo isto, rangeu os dentes, lançou-se da árvore, e desapareceu nas profundezas da terra.

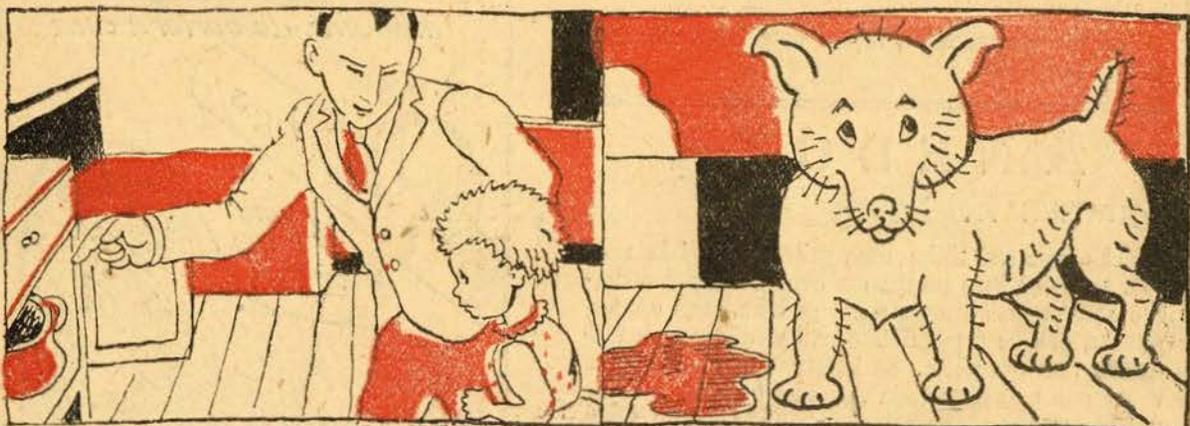


TITÓ E O SEU CÃOSINHO



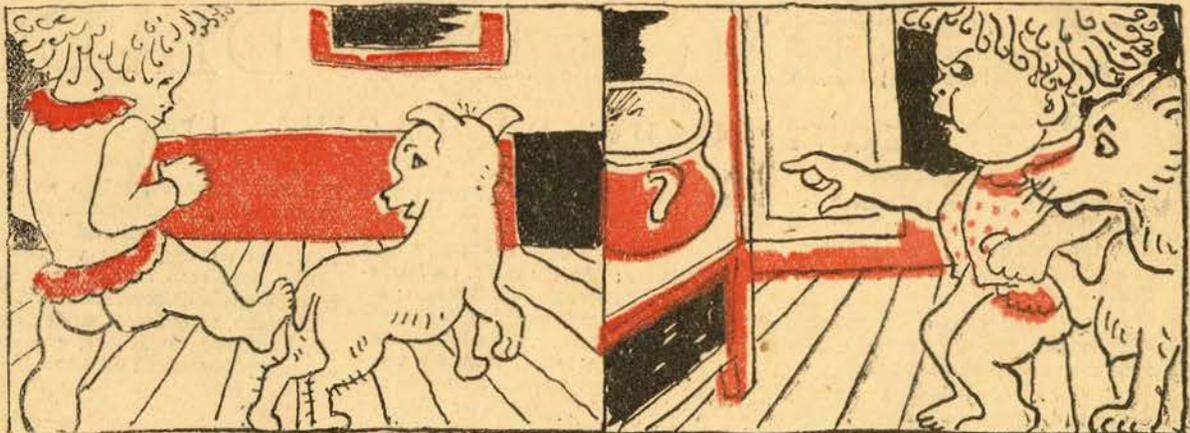
I — Era uma vez um menino, conhecido por Titó, que, a-pesar-de muito fino, no chão fazia «cócó».

II — Tinha dois anos e meio e pedir tudo sabia; mas, mesmo assim, persistia nesse costume tão feio.



III — Um certo dia o papá, levando-o junto ao «pitó», diz-lhe zangado: — «acolá é que se faz o «cócó!»

IV — Titó tinha em casa um cão, por sinal da côr do lume, que tinha o mesmo costume do menino porcalhão.



V — Então, todo empertigado, batendo no pobre cão, põe-se a ralar: — «Porcalhão; isto faz-se?! Malcriado!»

VI — E, imitando o seu papá, e indo buscar o «pitó», diz-lhe zangado: — «Acolá é que se faz o «cócó!»...»